

Um plebiscito, muitas linhas. um estudo de caso sobre a Bolívia de Evo Morales nas páginas de O Globo

Marcio José Melo Malta
Professor de Ciência Política da Universidade Federal Fluminense
malta.marcio@gmail.com

Introdução

A proposta do trabalho é acompanhar a maneira como um dos principais jornais brasileiros, O Globo, cobriu o referendo nacional que permitiria o presidente boliviano Evo Morales concorrer a mais um mandato eleitoral no ano de 2019. A análise do discurso da imprensa conservadora permite verificar a maneira adjetivada e hostil com que os meios de comunicação hegemônicos se comportam frente ao leque de mudanças orquestradas não só em solo boliviano, mas em uma série de países da região. Apesar de reconhecer uma série de avanços, principalmente na área econômica, o jornal manifesta uma estratégia de deslegitimar o político indígena.

O trabalho também se propõe a lançar uma mirada em outros países, como a Argentina, que também se encontra em um momento singular, já configurada a transição, diante da vitória nas eleições presidenciais de 2015 do opositorista e neoliberal Mauricio Macri, da coligação Mudemos. As fontes primárias serão trabalhadas em paralelo a produções teóricas de historiadores e cientistas políticos que se debruçaram sobre a temática ou que tenham contribuições a oferecer à luz da problemática ensejada.

Será feito o cruzamento de autores do campo da ciência política, como Atilio Borón, assim como dos estudos de mídia, na figura de Dênis de Moraes. Outras referências também serão utilizadas, como no caso de Antonio Gramsci, que se debruçou sobre o papel da imprensa e a sua relação com a ideologia.

A investigação em questão é um recorte de um projeto maior em que o pesquisador se encontra comprometido, uma pesquisa que busca mapear o papel da grande imprensa brasileira na cobertura dos governos latino-americanos designados como progressistas nesse início do século XXI.

Inscrita no rol de estudos do tempo presente, a proposta em tela visa debater o papel dos meios de comunicação hegemônicos brasileiros na formação de opinião acerca do objeto levantado. O momento assinalado se revela de especial interesse pelo fato de permitir vislumbrar posicionamentos em um momento de transição latino-americana.

A cobertura do Referendo Nacional boliviano pelo jornal O Globo

“E não falemos daqueles casos em que o jornal burguês ou cala, ou deturpa, ou falsifica para enganar, iludir e manter na ignorância o público trabalhador.”¹ Assim Antonio Gramsci caracterizou a imprensa burguesa. Segundo o autor, a imprensa é o polo mais dinâmico da estrutura ideológica, um aparelho privado de produção de hegemonia.

Fica nítido que existe uma campanha de desmoralização dos governos progressistas por parte da grande mídia latino-americana, utilizando-se dos meios dos barões midiáticos alinhados ao grande capital. Conforme asseverou Atilio Borón em texto sobre as eleições argentinas onde a coalização de direita saiu vencedora, o império se organizou em difundir “uma fenomenal campanha de articulação continental do meios de comunicação que com tom invariavelmente monocórdio hostilizam os governos de esquerda ou progressistas da região, sendo que em contrapartida exaltam os grandes feitos democráticos e sociais de México, Colômbia, Peru ou Chile.”²

Analisando o comportamento do jornal O Globo ao acompanhar o referendo nacional boliviano, percebe-se que a derrota de Evo Morales é comemorada. Interessante notar que nas matérias publicadas no jornal, a publicação ainda busca reproduzir uma de suas falácias, a pretensa neutralidade.

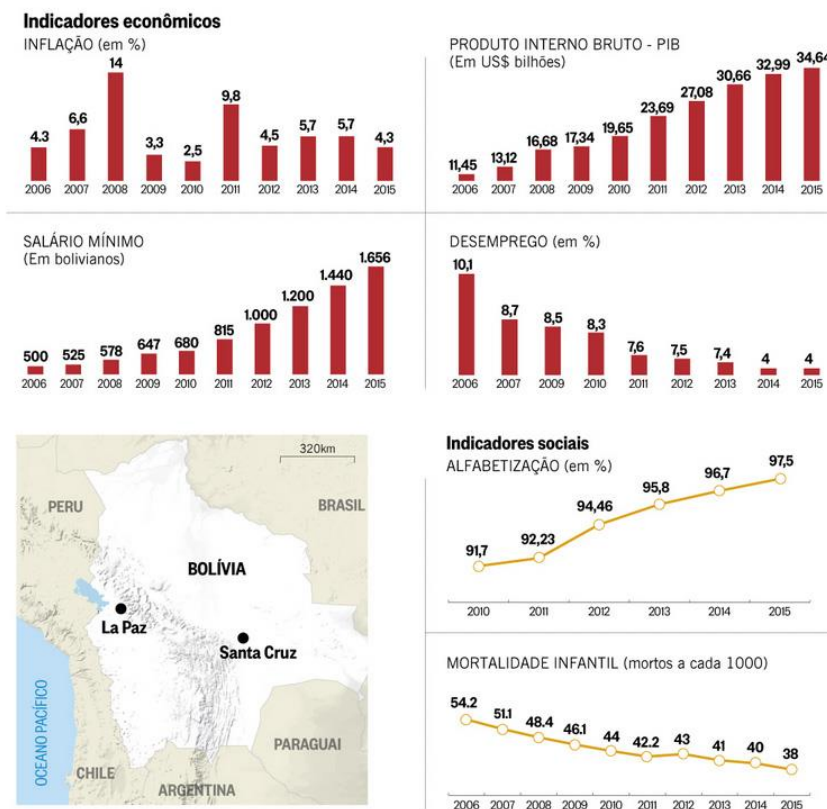
Um dos motivos para O Globo tentar encobrir a sua ojeriza por modelos alternativos de gestão, ou seja, aqueles que possuem corte popular, seria os índices econômicos e sociais positivos de tais governos. Tal comportamento de reconhecimento de tais índices fica evidente no tocante à cobertura do governo de

¹ GRAMSCI, Antonio. Os jornais e os operários. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/gramsci/1916/mes/jornais.htm> Acessado em: 29 de agosto de 2016.

² BORÓN, Atilio. Claves de una derrota. Disponível em: <http://www.atilioboron.com.ar/2015/12/argentina-2015-claves-de-una-derrota.html> Acessado em: 16 de março de 2016. (tradução nossa)

Evo Morales. No gráfico da figura 1, por exemplo, uma leitura atenta demonstra que o conjunto de dados dos indicadores sociais e econômicos apresentado se constitui na verdade como uma amostra do sucesso nesta seara.

Radiografia de uma década no comando do país



CRÉDITOS: FONTES: INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (INE) / CIA WORLD FACTBOOK

Figura 1. Fonte: O Globo

O espaço adotado para uma crítica mais aberta e demonstração da linha política do jornal se constitui na seção editorial. O título de um deles é bastante revelador: “Populismo também é derrotado na Bolívia de Morales”. Em letras garrafais, o jornal O Globo assim estampou o resultado do plebiscito sobre a possibilidade do presidente Evo Morales concorrer a mais uma eleição na Bolívia.

Porém, a leitura do editorial, que será transcrito em seguida, permite observar que o alvo do jornal brasileiro na verdade não é necessariamente a experiência boliviana, mas a experiência próxima de países como a Argentina.

Usando de uma maneira torta o conceito de populismo, o jornal se apropria ao seu modo desta ideia, assim como o bolivarianismo nunca é desenvolvido. Tais palavras na boca da imprensa burguesa viraram jargões superficiais para reproduzir toda a virulência e o ódio que manifestam por qualquer governo ou política que seja discrepante do modelo expressamente neoliberal de conduzir a esfera pública.

A leitura do editorial se faz necessária e funciona até mesmo como uma ferramenta pedagógica de se compreender a exposição dos ideais do proprietário do jornal ao emitir a sua opinião. Desta maneira, o transcrevemos a seguir:

**Populismo também é derrotado na Bolívia de Morales
Bolivianos dizem ‘não’ a quarto mandato presidencial seguido, reforçando o
ciclo de reveses dos regimes bolivarianos na América Latina**
por EDITORIAL

25/02/2016

Em mais uma derrota do populismo bolivariano no continente, a Bolívia optou pelo “não” no referendo que indagava sobre a possibilidade de Evo Morales concorrer pela quarta vez seguida à presidência do país, nas eleições de 2019. Apesar do resultado apertado — menos de três pontos percentuais de diferença — e do clima extremamente polarizado e agressivo da campanha, o pleito revela a derrota de Morales nos principais centros urbanos do país, inclusive La Paz e Santa Cruz, e vitória nas áreas rurais e mais pobres da Bolívia.

Foi sua primeira derrota em dez anos de poder. E chamou a atenção dos analistas o revés na região de Potosí, reduto onde o presidente se mostrou eleitoralmente imbatível em 2005. Desta vez, obteve apenas 14% dos votos. Se tivesse vencido, seria a segunda vez que Morales conseguiria alterar a Constituição para poder concorrer a mais um mandato, neste caso, o quarto.

Com o resultado, Morales e opositores terão três anos para construir candidaturas viáveis para disputar sua sucessão, embora alguns especialistas não descartem que o presidente boliviano volte à carga novamente nos próximos anos. Afinal, uma das marcas dos governos bolivarianos — ideologia populista lançada pelo venezuelano Hugo Chávez — tem sido a realização de plebiscitos e referendos sobre mandatos presidenciais, com o intuito de aprovarem reeleições e esticarem suas gestões indefinidamente, como ocorreu em Venezuela, Equador e na própria Bolívia.

Mas à medida que as políticas expansionistas e irresponsáveis desses governos começam a naufragar, o populismo perde força no continente. Morales, apontado

como um dos políticos mais populares do mundo pelo “Financial Times”, ao contrário de seus colegas bolivarianos, foi mais cauteloso na gestão financeira. No entanto, não conseguiu ficar imune a escândalos e suspeitas de má conduta.

Mas independentemente do desempenho de Evo Morales, cientistas políticos chamam a atenção para os sinais de esgotamento como um todo do modelo populista dos governos ditos de esquerda no continente.

Além da derrota de Morales, estes sinais aparecem mais recentemente na vitória eleitoral de Mauricio Macri na Argentina; na derrota parlamentar do governo de Nicolás Maduro; e na baixa popularidade e falta de credibilidade do lulopetismo.

Daniel Moreno, da ONG Ciudadanos, disse ao GLOBO que o resultado do referendo na Bolívia foi uma clara manifestação da sociedade civil, mobilizada por meio das redes sociais. “Mais do que o triunfo da oposição, o resultado é uma derrota do governo”, disse ele. E é um bom sinal, pois sugere o amadurecimento da sociedade civil. Afinal, uma das premissas básicas do sistema democrático é a alternância no poder.

Acerca da cobertura nas matérias em si, o jornal O Globo produziu o conteúdo de uma maneira despolitizada, focando principalmente em um antigo relacionamento do presidente Morales com Gabriela Zapata (Figura 2).

Evo Morales nega ter favorecido empresa de ex-companheira com contratos milionários

Em momento político decisivo, jornalista acusa presidente de tráfico de influências

POR O GLOBO / THE ASSOCIATED PRESS

06/02/2018 12:18 / atualizado 06/02/2018 19:37



Presidente boliviano Evo Morales participa de cerimônia oficial em visita ao Palácio do Planalto, em Brasília - EVARISTO SA / AFP

LA PAZ — Após uma denúncia em um canal da TV boliviana, o presidente Evo Morales negou que tenha usado sua influência para beneficiar uma empresa chinesa dirigida por sua antiga companheira, Gabriela Zapata, com contratos públicos milionários. A denúncia feita pelo jornalista Carlos Valverde repercurte apenas duas semanas antes do referendo nacional que poderá permitir que Morales concorra ao seu quarto mandato em 2019.

Figura 2. Fonte: O Globo

Denúncias surgiram a partir do jornalista Carlos Valverde, representante de um canal de televisão boliviano, a duas semanas da consulta eleitoral, dando conta que a ex-companheira teria sido beneficiada com um cargo em uma empresa

chinesa que prestava serviço para obras públicas (Figura 3), assim como a suposta existência de um filho fruto do relacionamento. Sendo que logo após a realização do pleito, já tendo sido feito o estrago que influenciou na derrota do presidente, tais insinuações foram descartadas e a averiguação comprovou que não existiam fatos concretos que pudessem ser imputados como crimes.

Ex-namorada de Evo Morales é detida e investigada por tráfico de influência

Gabriela Zapata, de 28 anos, é uma executiva da companhia chinesa CAMC Engineering

POR O GLOBO / COM AGÊNCIAS INTERNACIONAIS

25/02/2016 19:32 / atualizado 25/02/2016 21:53



Gabriela Zapata Montaño teve uma filha com Evo Morales - Reprodução do Facebook

LA PAZ — Uma das pedras no sapato de Evo Morales durante a campanha para o referendo boliviano, Gabriela Zapata, ex-namorada do presidente, foi detida. Ela era investigada no Congresso por tráfico de influência, tema que foi muito explorado pela oposição nas redes sociais e pode ter ajudado na derrota na consulta popular, no último domingo, que disse “não” a mais uma reeleição do chefe de Estado.

Figura 3. Fonte: O Globo

A logística do caso, desta vez feita principalmente pelas redes sociais, lembra um *modus operandi* que inclusive o Brasil conhece de perto, pois, nas eleições de 1989, o então candidato Luiz Inácio Lula da Silva também foi desmoralizado com a denúncia por parte de outro candidato acerca da existência de uma filha em um caso

extraconjugal. A denúncia consistia na insinuação de que o candidato haveria incitado um aborto.

Como afirmou Karl Marx, a história não se repete, porém, na América Latina, parece que a história se constrói de maneira circular, onde a grande mídia se comporta de uma maneira que supera o realismo fantástico na literatura e cria narrativas para desestabilizar governantes que não são do seu grado. Assim como na trama de “Cem anos de solidão”, de Gabriel García Márquez, gerações e gerações veem a história se repetir de uma maneira circular. Como visto em Gramsci, quando não cala, as empresas de comunicação deturpam ou falsificam para enganar.

Algumas considerações à guisa de conclusão

Ao contrário da cobertura acerca de outros países da América do Sul que elegeram governos que podem ser classificados de esquerda, como no caso da Argentina principalmente, o tom das matérias sobre a gestão de Evo Morales não é particularmente agressivo ou de oposição.

Talvez por conta dos índices econômicos e sociais exitosos, a publicação adota uma postura mais inclinada para o não posicionamento. Oposto das conclusões de pesquisas sobre a cobertura no país vizinho, onde abertamente a opção pelo agora presidente Mauricio Macri ficava latente.

O jornal se permite posicionamento mais ostensivo tão somente nas páginas de seus editoriais, como no caso apresentado no presente trabalho que por ora se encerra. Interessante apontar que uma das maiores críticas se volta inclusive mais uma vez à Argentina que foi citada como um modelo a ser seguido por ter elegido o neoliberal Macri.